



ALÉM
DA TERRA

Confio o pensamento a sonho terno,
Em holocausto mudo à Divindade,
E sinto a redenção de todo inferno
Na blandícia da paz que, em luz, me invade.

À carícia invisível me prosterno.
6 E por mais ruja a treva e se degrade,
Deus fulgura qual facho imenso e eterno,
Suporte vivo da imortalidade.

(*) Poeta, dramaturgo e jornalista. Funcionário da Prefeitura Municipal de S. João da Boa Vista. Exerceu o jornalismo no Rio de Janeiro, onde secretariou a *Gazeta da Tarde*. Segundo Luís Correia de Melo (*Dic. Aut. Paulistas*, pág. 631), OT «compôs ou traduziu numerosas peças de teatro, principalmente de colaboração com Artur Azevedo, Demétrio de Toledo, Eduardo Vitorino e Moreira Sampaio, sendo de sua autoria o libreto da ópera *Ester*, do maestro Assis Pacheco». Afirma Fernando

Há traços resplendentes de mil vidas
E destroços das épocas perdidas
No mar turbilhonante de mim mesmo.

12 Seguimos... Eu e o sonho que delivro,
Páginas paralelas de um só livro,
14 No livro do Universo aberto a esmo...



Góes (*Pan.* IV, pág. 150) que o poeta teve a «vida marcada pelo sofrimento, pela doença, por um amor inatingível». Andrade Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, págs. 171-172) dá melhor a conhecer a página amorosa do poeta de «voz roufenha» e «físico infeliz», «a quem» — segundo as palavras de João Luso — «a tuberculose devorava os pulmões e o amor o coração». (S. João da Boa Vista, Est. de S. Paulo, 27 de Agosto de 1875 — Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 25 de Fevereiro de 1901 **.)

BIBLIOGRAFIA: *Magnificat*.

** Luís Correia de Melo (op. cit., pág. 631) regista 1902 como o ano de desencarnação do poeta.

6. Elipse: "E por mais (que) ruja..."
12. Aposiopese: "Seguimos..."
14. Ler assim este verso:

No/ li/vro/ do U/ ni/ver/so a/ ber/to a/ es/mo...

Neste soneto, revela-se o poeta pouco afeito aos altos voos do artesanato poético e, para que possamos observar o quanto OT, ainda encarnado, era distraído quanto à forma, vamos citar-lhe alguns versos alexandrinos, uns trimembres, outros não. De início, cf. o quarto verso do soneto "Horas Mortas" (*Pan.* IV, pág. 150), com acentuação na 1ª, 4ª, 8ª e 12ª sílabas. Em seguida, cf. "Paisagem Espiritual", 7º e 8º versos, respectivamente, com acentuação na 3ª, 7ª e 12ª e 4ª, 9ª e 12ª sílabas (*id.*, pág. 151).